



ARTIGO/DOSSIÊ

## LIMA BARRETO: ESCRITOR NEGRO E EMPENHADO

ALISSON MATEUS DE LIMA SANTOS  
RONIÊ RODRIGUES DA SILVA

### **Alisson Matheus de Lima Santos**

Graduando em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN.

Discente Pesquisador de Iniciação Científica.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0190404032302071>.

ORCID iD:

E-mail: [alissonmatheus@alu.uern.br](mailto:alissonmatheus@alu.uern.br).

### **Roniê Rodrigues da Silva**

Pós-doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, 2019.

Professor do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Membro do Grupo de Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GPORT).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5453075942539188>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2738-7087>.

E-mail: [rodrigopinon2014@gmail.com](mailto:rodrigopinon2014@gmail.com)/[ronierodrigues@uern.br](mailto:ronierodrigues@uern.br).

**Resumo:** Este trabalho objetiva cartografar o lugar que o escritor Lima Barreto e sua obra ocupam no processo de formação da literatura brasileira, destacando como, na condição de um intelectual negro, o autor se engaja na luta contra um conjunto de práticas que configuram um

comportamento estruturalmente racista. Considerando a relação entre Nação e narração, observamos como a escrita barretiana representa a noção de literatura enquanto instrumento de conhecimento da identidade nacional (BERND, 2011) e, a partir da leitura crítica do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, discutimos a dramatização de um *ethos* do Brasil personificado na obra, problematizando, por último e nos termos do professor Antonio Candido (2000), a natureza da literatura empenhada de Lima Barreto.

**Palavras-chave:** Lima Barreto. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Literatura empenhada. Nação. Narração.

**Abstract:** This work aims to map the place that the writer Lima Barreto and his work occupy in the process of formation of Brazilian literature, highlighting how, as a black intellectual, the author engages in the fight against a set of practices that configure a structurally racist behavior. Considering the relationship between Nation and narration, we observe how Barret's writing represents the notion of literature as an instrument of knowledge of national identity (BERND, 2011) and, from the critical reading of the novel *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, we discuss the dramatization of an *ethos* of Brazil personified in the work, problematizing, finally and in the terms of professor Antonio Candido (2000), the nature of the committed literature of Lima Barreto.

**Keywords:** Lima Barreto. Committed Literature. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Nation. Narration.

## INTRODUÇÃO

As investigações críticas em torno da obra de Lima Barreto desenvolvidas com o objetivo de cartografar os elementos que lhe são próprios e assinalar as marcas da produção artística do autor acabam por revelar uma estreita relação entre Nação e narração, a partir da qual o escritor representa o *modus operandi* da sociedade brasileira,

das relações sociais e do *establishment* nacional dos primeiros anos do século XX. Isso porque Afonso Henriques de Lima Barreto é apontado por diversos estudiosos, conforme destaca uma de suas biógrafas, a professora Lilia Schwarcz (2017), como um intérprete do Brasil pós-abolição. Para um sujeito negro, a referência ao acontecimento abolicionista não aparece aludida por acaso, demarcando apenas um marco temporal.

O escritor, nascido em 13 de maio de 1881, sete anos antes da assinatura da Lei Áurea, fora neto de escravas alforriadas. Sua mãe, Amália Augusta, era igualmente mulata e teria sido tutelada pela família Pereira de Carvalho, para a qual a avó e a bisavó maternas de Lima Barreto trabalharam na condição de escravas. Seu pai, João Henriques de Lima Barreto, também afrodescendente, fora funcionário público boa parte de sua vida, e já na juventude apresenta uma personalidade constituída sob o signo da loucura e que haverá de se potencializar na vida adulta e aparecer como um drama também em seu filho – o escritor de quem tratamos neste texto.

Como decorrência dessa origem do escritor, observamos na literatura barretina uma recorrência temática em torno de sua cor, do preconceito racial e de classe social, assinalando uma relação entre vida e obra, algo como uma espécie de escrevivência, que será marcada por um tom de ironia e acidez inconfundíveis em seus romances, contos, crônicas e nos seus artigos, os quais versam sobre a política do dia, a cultura, as artes e os temas do dia a dia carioca, capital do Brasil do final do século XIX e início do XX.

Dessa maneira, Lima Barreto deve ser lido como uma intelectualidade negra, responsável por uma escrita visionária, a partir da qual emprega os princípios de uma literatura empenhada

em mostrar a nu as injustiças de que padece o povo pobre e preto do Brasil, como uma busca por libertar os cativos dos estereótipos e lhes ofertar a plenitude da vida humana mesma, aquela vida que, no Brasil, fora negada às minorias (CANDIDO, 2012). Em suas diversas produções escritas, segundo destaca o crítico Oakley:

Ele [Lima Barreto] deixou bem claro, texto após texto, que seu ideal artístico se compunha de três fatores: o desejo fervoroso de comunicar-se plena e satisfatoriamente com um leitor virtual; a necessidade de se ter muita inteligência, além de talento, para realizar essa comunicação; e, finalmente, essas condições supõem uma meditação sobre a razão de ser fundamental da arte que, para o escritor, representava penetrar e articular o significado da existência e, assim fazendo, criar uma solidariedade humana. (2011, p. 1)

Assim, percebe-se que a literatura barretiana vai além da função de entreter, pois, conforme observa Candido, a respeito da natureza do texto literário, essa não deve se constituir como uma experiência inofensiva, mas carregada do propósito de “incutir em cada um de nós o sentimento de urgência” dos problemas sociais (CANDIDO, 2012, p. 186). Nesse sentido, Lima Barreto não produzirá sua obra tendo nas mãos o índice do que poderia ou não ser dito por aqueles que se lançavam à vida intelectual da época. Ao contrário disso, sua atividade de intelectual e artista literário tem a marca daqueles que não fazem concessões, não usam o artifício milenar da bajulação para conquistar o reconhecimento de seus pares. Sobre a formação dessa personalidade que rompe padrões, destaca o seu primeiro grande biógrafo Francisco de Assis Barbosa:

Na sua aparente humildade, não era homem para se dobrar a ninguém. O orgulho doía-lhe mais que o estômago. E assim, as oportunidades que apareciam

não foram aproveitadas, por inteiro, contribuindo apenas, a cada malogro, para aumenta-lhe o sentimento de revolta, que foi nele, por assim dizer, inato. (BARBOSA, 2017, p. 162)

Portanto, será esse o escritor que percebe em sua vida um desejo profundo de alcançar o ponto nevrálgico da relação entre literatura como crítica social e desenvolvimento humano. No entanto, para conseguir elaborar essa arte em seus próprios termos, com todo o seu potencial de apelo, Lima Barreto, por princípio e personalidade, acaba por abrir espaço para uma escrita que se desenrola muitas vezes pela representação social ao ridículo, à zombaria e à sinceridade impiedosa, conforme demonstraremos no desenvolvimento deste texto.

## A FORMAÇÃO DA LITERATURA BARRETIANA

O intervalo de tempo que compreende os primeiros anos do século XX é crucial para Lima Barreto, se constituindo como uma temporalidade em que ele coloca em prática a produção de uma escrita militante, a partir da qual seria possível problematizarmos o (não) lugar do escritor no cenário das Letras nacionais<sup>1</sup>. A compreensão dessa posição vai se tornando clara para o leitor da obra barretiana na medida em que observamos criticamente a recepção crítica dos textos do autor pelos seus contemporâneos e o modo como o próprio Lima Barreto reage, utilizando um tom satírico para reprovar a moral vigente. Assim, encontramos uma espécie de embate entre o romancista e os intelectuais que representam o *establishment*, muitos dos quais Lima Barreto torna motivo de ridículo, por meio de

---

1 A noção de “(não) lugar” advém de uma problemática que considera o fato de a obra do escritor Lima Barreto, apenas após o advento de sua morte, ter superado uma condição de silêncio por parte da crítica literária, que não teria dado aos escritos do autor a importância que eles mereciam.

personagens através da técnica de *romam à clef*<sup>2</sup>, conforme se pode notar pela publicação do seu primeiro romance intitulado *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

Esse estratagema de composição literária acaba por tornar o primeiro romance barretiano refém de críticas acentuadas (BARBOSA, 2017). Somado a isso, uma série de fatores – como não ter o refúgio de amigos da alta sociedade da época para o auxiliar na divulgação de seus textos, aliada à sua condição racial e sócio financeira – acabam por render a Lima Barreto consequências que tornam a sua vida e obra um espetáculo dramático. Além de ter que lidar com os primeiros percalços da vida de escritor negro num país que convivia com teorias racistas, Lima Barreto enfrenta um problema sério na ordem da vida financeira, pois seu pai, João Henriques, já depois de alguns anos de viúvo, acaba ficando gravemente acometido de uma doença psiquiátrica, situação que o deixaria inválido até o resto dos seus dias. Em consequência disso, o romancista, aos vinte e dois anos, teria de assumir as responsabilidades da casa, visto que tinha perdido a mãe, falecida ainda quando ele tinha apenas sete anos de idade (SCHWARCZ, 2017).

Sobre essa última perda, abrimos um parêntese visando assinalar como a orfandade precoce do romancista aparecerá como outro infortúnio que se soma ao montante de desventuras amealhadas durante toda uma vida a desembocar numa personalidade introspectiva que acaba por reverberar em seus escritos. De criança à adolescente, aluno do ensino secundário no Colégio Dom Pedro II e depois aluno da escola politécnica do Rio de Janeiro, onde cursou engenharia (SCHWARCZ, 2017), o jovem Afonso Henriques de Lima

<sup>2</sup> *Romam à clef* é uma concepção de romance segundo a qual pessoas e lugares reais são retratados de modo ficcional (MOISES, 2002).

Barreto mostra, desde cedo, peculiaridades de alguém que tem algo para ofertar ao mundo. Embora o fruto de seu talento ainda não tivesse maduro, ele desperta sobre si suspeitas de genialidade. Acerca dessa fase de transição, afirma o biógrafo do escritor:

[Lima Barreto] um menino contemplativo, vivia metido consigo mesmo, fugindo sempre dos brinquedos, que nunca amou. Enquanto os colegas pulavam sela ou faziam exercício de barra fixa, durante o recreio, ele procurava 'o mais afastado dos bancos', sob uma das mangueiras da chácara, e ia a ler o seu Júlio Verne, ou simplesmente devanear, olhando as nuvens, a recordar as aventuras do Capitão Nemo, de Robert Grant, do Dr. Lidenbrock, de Miguel Strogoff. (BARBOSA, 2017, p. 61)

Assim, o jovem Lima Barreto, desde cedo, tem a sua identificação caracterizada por um modo singular de sentir e estar no mundo. Ele tem quase sempre um comportamento comedido, de poucas palavras, sem fazer questão de ser notado. Quando se impõe, o faz com toques peculiares de ironia, parecendo ser alguém que chega à maturidade muito cedo (BARBOSA, 2017).

Quando já é um homem adulto, e naquela condição de ser responsável por grande parte do sustento familiar (o escritor tinha outros três irmãos) em decorrência da insanidade do pai, Lima Barreto presta concurso para a Secretaria de Guerra, onde atuará como amanuense. A respeito do exercício dessa função, é importante destacar que o serviço burocrático de amanuense sempre rendeu muitos desgostos ao romancista, pois tinha por meta de vida dedicar-se exclusivamente às atividades de literato. Entretanto, Lima Barreto nunca pôde abandonar o serviço para o qual prestou concurso e de onde tirava o sustento para a manutenção da casa, e especialmente

os cuidados com sua irmã Evangelina e o seu pai, João Henriques, que ficou impossibilitado de trabalhar.

De qualquer maneira, mesmo exercendo funções burocráticas de funcionário público, ele passa a colaborar numa série de revistas e jornais da época, publicando suas crônicas, artigos e contos. Quando em 1903, aos vinte e dois anos, o romancista recebe a chefia da secretaria da *Revista da Época* para colocá-la novamente em circulação, o que poderia lhe render algum salário a mais, nota-se a falta de “talento” dele para as coisas arrumadas e para qualquer coisa que lhe parecesse feito por baixo dos panos, ao melhor estilo do jeitinho brasileiro. Como resultado de sua insatisfação, resolve pedir demissão pois, segundo assevera o biógrafo: “é que não se conformaria jamais em escrever louvores, mesmo sem sua assinatura, aos mandarins da política. Por isso demitiu-se meses depois” (BARBOSA, 2017, p. 141).

Desse modo, o que vamos observando ao longo da vida do autor é que o lugar comum dos tratados amistosos, do modo de subir na vida à custa de enterrar suas opiniões, disfarçar preferências, como quem segue religiosamente as orientações das convenções de polidez no trato, são não apenas rejeitadas por Lima Barreto, mas esse modo de existir é ferozmente combatido por ele, principalmente através de sua literatura. Assim, como não consegue se conformar com o status quo da imprensa oficial e visando combater os mandarins da literatura, Lima Barreto gesta com alguns colegas o projeto da *Revista Floreal*, na qual as publicações das primeiras ideias do autor ficariam disponíveis ao público pela primeira vez, de modo claro, em outubro de 1907.

Apesar de ali ter havido apenas o lançamento de quatro volumes e a revista ter fechado por falta de assinantes, esse primeiro momento de atuação pública do romancista carioca pode representar sua



primeira tentativa de atuação intelectual, pois por essa data a escrita do *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, seu primeiro romance, já havia começado. Talvez, com esse seu primeiro aparecimento público através da *Revista Floreal*, o autor pensasse em já marcar presença nos círculos intelectuais da época, visto que lhe faltava condições financeiras de mandar publicar o seu primeiro romance e, não tendo uma editora disposta a colaborar com esse feito, resta-lhe abrir uma revista independente (BARBOSA, 2017).

Ainda que tenha publicizado os dois primeiros e metade do terceiro capítulo do *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* na *Revista Floreal*, logo posteriormente fechada por falta de recursos financeiros, o romance só será de fato publicado na íntegra mais tarde em Lisboa, Portugal, no ano de 1909. A não publicação de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* no Brasil e o fechamento da *Revista Floreal* dão ao romancista um sentimento de derrota perante a quem ele tão ferozmente combate. Portanto, o que pode ser entendido como uma primeira manifestação de atuação pública do romancista tem, desde já, a marca do insucesso. Em vista disso, a literatura do escritor não alcança de imediato o reconhecimento esperado de seus contemporâneos.

Depois da publicação do primeiro livro, o autor lança em 1912, em formato de folhetins, os primeiros fascículos do que mais tarde será o romance *Aventuras do Dr. Bogoloff*, que se constitui por uma série de narrativas. Mas, segundo Barbosa (2017), os folhetins tiveram sua circulação interrompida logo na primeira tiragem. A obra narra a trajetória de um anarquista russo que decide ganhar a vida por meio de fraudes e mentiras, um sujeito esperto capaz de manipular e convencer as pessoas para obter vantagens. Percebe-se, no desenvolvimento do

enredo, a capacidade cirúrgica com que o autor narra o fingimento, o desejo de poder e, representando um comportamento típico de parte da sociedade brasileira, o que as pessoas são capazes de fazer para obter o êxito em seus intentos, muito embora isso possa significar também cometer injustiças e burlar a própria consciência.

Em 15 de março de 1915, Barreto inicia a publicação de *Numa e a Ninfa* em folhetins<sup>3</sup> no jornal *A Noite*. A obra, trazida à tona inicialmente como conto em folhetim de jornal, foi escrita após a saída de Lima Barreto da primeira internação do hospital de alienados. A respeito dessa narrativa, consta-se que foi escrita de uma vez e sem ajustes, sem fazer qualquer melhora no texto após escrito (BARBOSA, 2017). A trama principal da obra envolve um jovem, cognominado Numa, que se casa com a personagem Edgarda, e o pai desta faz dele um deputado. Novamente, Lima Barreto apresenta nessa história um pano de fundo em que o fingimento aparece como mote das relações sociais, das razões pelas quais as pessoas tomam esta ou aquela atitude. A obra expõe, por exemplo, a falência do casamento sacramental católico que, com o casamento de Numa e Ninfa, por interesse, revela-se uma falácia, como tudo o mais em que a narrativa toca para descortinar.

No contexto da trama, a personagem Numa é o típico sujeito que deseja ocupar uma posição de destaque na sociedade, pois com isso seria mais fácil a ele conseguir outras vantagens e se manter em evidência. Nesse sentido, trata-se de uma obra em que Lima Barreto agora toca nas relações sociais e políticas para apontar as constantes que faziam do Brasil um país tal e qual era/é. O protagonista é representado como um político sem grandes destaques na atividade de parlamentar, até o momento em que sua esposa Edgarda começa

3 É importante destacar que era uma prática comum à época a publicação de romances em folhetins de jornal antes mesmo da publicação das obras em volume.

a escrever os seus discursos, o que lhe garante certo reconhecimento. O clímax da obra pode ser entendido como o momento em que Numa decide fazer um carinho em Edgarda, no meio da noite, e encontra sua esposa com outro homem com quem ela mantinha um relacionamento secreto. Na sequência, ele decide-se a ouvir o que o casal de amantes estava a conversar e descobre que o amante de sua esposa era quem escrevia os seus discursos, e não Edgarda. Diante da situação, entre flagrar sua esposa com o primo amante e a possibilidade de não ter quem escreva os seus discursos de parlamentar, Numa decide não tomar qualquer atitude, justificando a sua decisão, ironicamente, em nome do bem do Brasil.

Dando sequência ao seu projeto de representar a identidade nacional, em 1916 é publicado o quarto<sup>4</sup> romance de Lima Barreto, talvez sua obra mais conhecida, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. A narrativa desenvolve-se em torno da personagem Policarpo Quaresma como protagonista, um funcionário público, um homem simples, respeitado e ordeiro que, quase de súbito, começa a dar um exagerado valor à cultura nacional e depois a tudo o que seja nacional de modo muito profundo e marcante. Ao longo da trama, o protagonista não sonhara outra coisa que não a grandeza da nação. Pensava que por suas iniciativas finalmente o Brasil teria um lugar de destaque frente às grandes potências mundiais, sendo o Brasil o maior e mais importante de todos os países. Nessa condição, via-se ele, o Major Quaresma, como um servo condutor, um Sócrates, um Cristo que desenterraria da alma do país sua grandeza escondida. No fim do romance, Policarpo Quaresma é condenado ao fuzilamento,

---

4 Será o quarto romance se considerarmos a publicação em folhetins de *Aventuras do Dr. Bogoloff* e *Numa e a Ninfa* como as publicações oficiais desses romances. Enquanto publicação em volume, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* seria o segundo romance do autor.

o que talvez justifique o título de *Triste Fim*. Sobre a obra, diz o professor Cunha:

Apesar do lado quixotesco, Policarpo não é um louco como alguns pensam, dado a histerias e tiques; para ser exato, ele é um homem verdadeiramente bom, que busca um ideal justo para o país e para os que fazem parte de seu convívio familiar. [...] é apenas alguém que deseja que uma espécie de bondade tenha efeito no asilo de lunáticos que se transformou a capital do país e que mudava lentamente o seu cotidiano. (CUNHA, 2015, p. 85)

Nesse sentido, a narrativa pode ser vista como uma apresentação geral do que seria o Brasil do final do século XIX e início do XX, desde a representação dos espaços do Rio de Janeiro, onde se passa a trama, até a construção psicológica das personagens, que denunciam um apego marcante aos lugares-comuns dos intelectuais, políticos, e artistas, denotando um profundo apego aos títulos. Contudo, há na representação do protagonista, o Major Quaresma, o desprezo do que seria a encarnação daqueles valores.

Nas primeiras páginas do romance, há um momento em que o Doutor Segadas, personagem secundário da obra, mostra-se inconformado porque o Major Quaresma possuía livros em casa. Assim, faz-se a denúncia ao Major, e, nesse sentido, talvez denuncie também um modo nacional de percepção do que represente a vida intelectual como um todo, diz o Doutor Segadas:

Se não era formado, para quê? Pedantismo! O subsecretario não mostrava os livros a ninguém, mas acontecia que, quando se abriam as janelas da sala de sua livraria, da rua podia-se ver as estantes pejadas de cima a baixo. (BARRETO, 2018, p. 208-209)

Numa leitura crítica dos textos de Lima Barreto, esse romance pode ser entendido como o primor da arte literária barretiana, em que o autor cria o personagem principal, o Major Quaresma, com características semelhantes ao Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, e que também pode ser percebido como a encarnação da verdade em um país que não consegue mais discernir entre aquilo que realmente importa e aquilo que é transitório, ilusório e moda de uma época (CUNHA, 2015).

O seu outro romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, em meados de 1908, já estava em fase avançada de escrita, o prefácio da obra é de 1906. Portanto, ainda que não tenha sido o primeiro a ser publicado, já havia tido sua escrita iniciada antes da publicação de *Recordações*. O lançamento do *Gonzaga de Sá* fica, no entanto, para depois, porque quando houve oportunidade de publicação de um primeiro romance Lima Barreto decide-se por *Recordações do Escrivão Isaias Caminha* e deixa o *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* para outra oportunidade<sup>5</sup>. O fato é que parece que o autor, ao lançar primeiro o *Recordações*, que pode ser entendido como um livro de denúncia, possa ter desejado causar um impacto naquilo que podia representar os padrões de intelectualidade e de literatura daquela época, visto o teor crítico da obra (BARBOSA, 2017).

Particularmente em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, ele descreve os espaços do Rio de Janeiro, suas paisagens naturais, ao mesmo tempo em que narra as divagações das personagens frente às perspectivas de o que será o futuro do Brasil. Em um momento de reflexão acerca de o que lhe reservou a vida, a personagem Gonzaga

---

5 A publicação da obra teve a ajuda de Monteiro Lobato que ao fechar contrato com Lima Barreto garantiu a publicação do romance em 1919.

de Sá traça um paralelo com a própria vida dramática do autor, Lima Barreto, e dos infortúnios que parecem estar resguardados aos que se aventuram a ouvir o chamado do que os clássicos denominavam de “vocação”, entendida como única possibilidade de realizar-se o propósito da existência. Assim reflete Gonzaga de Sá:

Por que não sou assim como aquele barrigudo senhor, inconscientemente animalesco, que não pensa nos fins, nas restrições e nas limitações? Longe de me confortar a educação que recebi, só me exacerba, só fabrica desejos que me fazem desgraçado, dando-me ódios e, talvez despeitos! Por que ma deram? Para eu ficar na vida sem amor, sem parentes e, porventura, sem amigos? Ah! Se eu pudesse apaga-la do cérebro! Varreria uma por uma as noções, as teorias, as sentenças, as leis que me fizeram sorver; e ficaria sem a tentação danada da analogia, sem o veneno da análise. Então, encher-me-ia de respeito por tudo e por todos, só sabendo que devia viver de qualquer modo [...] Mas [...] era impossível, impossível! Era tarde e os culpados de que eu sofria não eram a minha educação nem a minha instrução. Era eu mesmo; era o meu gênio; era o meu orgulho a um estúpido medo. Arrependi-me da maldição e reconciliei-me comigo mesmo. Havia de curar-me. (BARRETO, 2018, p. 665-666)

O romance tem a marca das crônicas escritas pelo autor, conforme aponta Barbosa: “O certo é que acabou por considerá-lo, de todos os seus livros, o único começado e acabado, quer dizer, a sua obra mais perfeita” (2017, p. 270). Assim, a narrativa é fruto de um longo processo de reflexão do autor que apresenta Gonzaga de Sá como um saudosista de tudo o que não viveu, mas que poderia ter vivido, se isto ou aquilo tivesse sido de outro modo. Nesse sentido, vida e obra mais uma vez se confundem em Lima Barreto, e sua produção literária

se mostra de novo um enfrentamento a tudo o que seja desvirtuado do real sentido da vida, que transparece na obra como um todo.

O romance *Os Bruzundangas*, apesar de datado de 1917, só foi aparecer em volume em 1922, um mês após a morte do escritor. A obra se trata de uma paródia do *establishment* nacional, e aborda os meandros das articulações políticas e a representação do intelectual brasileiro da época com muita vivacidade. Na primeira página do texto, ao narrar a língua do país *Bruzundanga*, faz referência a uma linguagem específica usada pelos membros da elite: “Quanto mais incompreensível é ela [a linguagem usada] mais admirado é o escritor, por todos que não lhe entenderam o escrito” (BARRETO, 2018, p. 94).

Ainda sobre a narrativa do que acontece no país da *Bruzundanga*, acerca dos louvores que recebem os intelectuais e sobre o que significa o reconhecimento de méritos por atividades de labor intelectual, diz-se:

Lá [no país da Bruzundanga], o cidadão que se arma de um título em uma das escolas citadas obtém privilégios especiais, alguns constantes das leis e outros consignados nos costumes. O povo mesmo aceita esse estado de coisas e tem um respeito religioso pela sua nobreza de doutores. Uma pessoa da plebe nunca dirá que essa espécie de brâmane tem carta, diploma; dirá: tem pergaminho. Entretanto, o tal pergaminho é de um medíocre papel de Holanda. (BARRETO, 2018, p. 114)

Assim, o imaginário formado em torno das situações narradas nesse romance pode apontar para uma permanente compreensão do mundo e da vida que se limita a circunscrição espacial daquelas experiências do Brasil que, no conjunto da obra barretiana, mostra-se desligada da história do resto do mundo. O que torna o país um ente

deslocado do conjunto no passo rumo ao desenvolvimento humano, restando aos *Bruzundangueses* a mera simulação. Outro excerto de *Os Bruzudangas* alude a quem são aqueles que conseguem chegar ao sucesso naquele país:

[...] é este homem que só viu a vida de sua pátria na pacatez de quase uma aldeia; é este homem que não conheceu senão a sua camada e que o seu estulto orgulho de doutor de roça levou a ter sempre um desdém bonachão pelos inferiores; é este homem que empregou vinte anos, ou pelo menos, a conversar com o boticário sobre as intrigas políticas de seu lugarejo; é este homem cuja cultura artística se cifrou em dar corda ao gramofone familiar; é este homem cuja única habilidade se resumiu a contar anedotas; é um homem destes, meus senhores, que depois de ser deputado provincial, geral, senador, presidente de província, vai ser o Mandachuva da Bruzundanga. (BARRETO, 2018, p. 142)

Desse modo, o conjunto da obra barretina é uma fonte abundante de aspectos de um imaginário nacional que se comunica com a formação política, cultural, artística e social do Brasil. Esses elementos que aparecem na literatura de Lima Barreto podem ser entendidos como uma produção literária que justifica a abordagem da análise literária a partir da perspectiva da relação entre literatura e identidade nacional (BERND, 2011).

Desse modo, o romancista é mais do que um literato, no sentido de que seja mais do que um escritor de romances, contos e crônicas. Lima Barreto apresenta em sua obra um modo nacional de existir no mundo, de maneira que os sofrimentos em decorrência do preconceito por causa das condições raciais de suas personagens e a negação da plenitude da vida em sociedade, por ocasião da má sorte



da condição financeira dos sujeitos representados em suas narrativas, vão delineando uma relação entre vida e obra do escritor, mas mais do que isso, um perfil do comportamento nacional.

Nessa perspectiva, a obra do romancista carioca pode ser lida como uma espécie de cartografia geral do comportamento nacional. Dessa forma, os escritos de Lima Barreto podem oferecer-se como objeto de pesquisa às mais diversas áreas das ciências que busquem compreender os processos de personalização da sociedade brasileira (CUNHA, 2015).

Lima Barreto ainda teve publicado o romance *Clara dos Anjos*, lançado postumamente em 1948, seguido dos seus cadernos de diário, escritos durante sua internação no hospital de alienados, que foram lançados com os títulos de *Diário Íntimo*, de 1953, e *Cemitério dos Vivos*, de 1956. O romance *Clara dos Anjos* foi começado e abandonado algumas vezes pelo autor, escrito quase que em paralelo a *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, mas que só ganhou publicidade quase trinta anos após a morte do autor. Os diários lançados de Lima Barreto condensam mais ainda a relação entre vida e obra, nos diários se reconhece no autor carioca a tragédia que o destino lhe reservou, o que talvez narre com semelhante louvor o que ele disse ao Brasil no conjunto de sua obra.

É a partir desses fatos supramencionados que se delineia a trajetória de Lima Barreto no mundo das Letras. Sobre a atuação intelectual do romancista, aponta o crítico Cunha: “Lima sabia que havia algo de errado no país onde vivia; e sua obra literária é uma tentativa de localizar essa mancha e, quem sabe, limpá-la com toda eficácia possível” (2015, p. 129).

Considerando essa apresentação da obra barretiana, a partir daquelas características que lhe são inerentes, passaremos, doravante, a realizar uma leitura crítica da literatura do autor numa associação com a noção de literatura empenhada, conforme problematizada por Antonio Candido.

### **A NATUREZA EMPENHADA DA LITERATURA DE LIMA BARRETO**

As discussões levantadas nesta passagem do texto, acerca da natureza empenhada da literatura de Lima Barreto, buscam perceber na obra do autor, segundo a concepção de literatura empenhada do professor Antonio Candido (2000), as relações objetivas existentes entre a metáfora de uma identidade nacional dramatizada, na arte literária, pela evocação de personagens, espaços e demais elementos da narrativa, e situações que convergem para a interpretação do *ethos* nacional, como também a concepção de arte literária e o seu sentido teleológico.

Assim, partindo deste princípio, mais do que a representação realista, quase descritiva da literatura barretina, busca-se uma compreensão a partir da perspectiva da relação confluyente entre o entendido teórico concernente ao sentido da arte em Lima Barreto, e as consequências e as manifestações de uma literatura empenhada, compromissada com a representação e o enfrentamento dos problemas sociais, mas sob situações e objetivos específicos, os quais, tratando-se de Lima Barreto, sob uma norma estética sensível, são capazes de alcançar os grupos marginais (FIGUEIREDO, 2017).

Posto isso, é importante salientar que a recepção crítica do primeiro romance do autor muito diz sobre o comprometimento de Lima Barreto desde uma perspectiva de literatura empenhada. Em

um primeiro momento, pode-se dizer que a obra carrega consigo as consequências de ser um romance agressivo, denunciador, que expunha os mandarins da política, das Letras e das Artes ao conhecimento público (BARBOSA, 2017). Enquanto o autor esperava elogios, críticas, reconhecimento, debates, enfim, participar da discussão entre os intelectuais sobre o destino que tomara o país, recebe a resposta do silêncio. Os jornais não publicam sobre o romance, os críticos nada dizem, os intelectuais da época continuam a falar sobre os mesmos temas, ou seja, fora como se não significasse nada o aparecimento daquele texto de estreia do autor (BARBOSA, 2017).

Não obstante a isso, Lima Barreto não foge dos temas pertinentes a sua contemporaneidade, antes é um dos autores que, de maneira mais veemente, combate as injustiças da sociedade brasileira. Portanto, o romance é a amostra do potencial crítico do autor que alcança os temas mais variados, porém tem um eixo central sob o qual gira o mais em torno, a finalidade última da literatura: proporcionar a compreensão entre a humanidade, sob a qual se chegaria à felicidade (BARRETO, 2017). Nesse sentido, pela voz da personagem Isaías Caminha, que rememora sua vida para narrar suas “recordações”, temos a seguinte confissão sobre a motivação de se fazer literatura: “Não é o seu valor literário que me preocupa; é a sua utilidade para o fim que desejo” (BARRETO, 2018, p. 75). Dessa maneira, Lima Barreto, (em) vida e obra, manifesta uma atuação que compactua com as noções de literatura empenhada discutidas por Antonio Candido (2000), segundo a qual haveria de se chegar, a literatura brasileira, ao posto de literatura Ocidental.

Nesse sentido é que, desde o primeiro romance do autor, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, observamos uma obra

conduzida, em seu sentido maior, pela finalidade de manifestar um comprometimento do escritor com o seu país e uma ideia de que a literatura deva ser uma produção interessada, que carrega consigo elementos de uma literatura empenhada, a partir dos quais representa e problematiza o (não) lugar social dos sujeitos marginalizados. Seguindo essa perspectiva, a literatura para ele, conforme observa Candido:

Devia também dar destaque aos problemas humanos em geral e aos sociais em particular, focalizando os que são fermento de drama, desajustamento, incompreensão. Isto, porque no seu modo de entender ela tem a missão de contribuir para libertar o homem e melhorar a sua convivência. (CANDIDO, 2011, p. 46)

A exemplo desse teor empenhado nos textos de Lima Barreto, seu engajamento com a representação e a defesa dos socialmente menos favorecidos, rememoremos uma passagem da narrativa em que é possível ver o personagem Isaías Caminha sendo levado preso acusado de roubo, uma reprodução, em arte literária, de uma realidade social nacional verossímil. Sobre esse momento de clímax da obra, Isaías se encontra dentro da delegacia e aguarda o momento de ser inquirido pela autoridade policial, quando assim reflete o protagonista:

– E o caso do Jenikalé? Já apareceu o tal ‘mulatinho’? Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; a minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se juntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem diferente do que

era na realidade, ente superior e digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada. Hoje, agora, depois não sei de quantos pontapés destes e outros mais brutais, sou outro, insensível e cínico, mais forte talvez; aos meus olhos, porém, muito diminuído de mim próprio, do meu primitivo ideal, caído dos meus sonhos, sujo, imperfeito, deformado, mutilado e lodoso. Não sei a que me compare, não sei mesmo se poderia ter sido inteiriço até ao fim da vida; mas choro agora, choro hoje quando me lembro que uma palavra desprezível dessas não me torna a fazer chorar. Entretanto, isso tudo é uma questão de semântica: amanhã, dentro de um século, não terá mais significação injuriosa. Essa reflexão, porém, não me confortava naquele tempo, porque sentia na baixaza do tratamento todo o desconhecimento das minhas qualidades, o julgamento anterior da minha personalidade que não queriam ouvir, sentir e examinar. O que mais me feriu, foi que ele partisse de um funcionário, de um representante do governo, da administração que devia ter tão perfeitamente, como eu, a consciência jurídica dos meus direitos ao Brasil e como tal merecia dele um tratamento respeitoso. (BARRETO, 2018, p. 68)

Atento ao desenrolar da trama narrativa, o leitor é conhecedor de que não existia qualquer indício de que Isaías fosse aquele que havia roubado no hotel, ou até mesmo que tivesse qualquer envolvimento com o fato criminoso. Na verdade, a personagem é intimada a comparecer à delegacia para prestar depoimento apenas por ser negro e por aquele tipo de crime ser comumente, de maneira preconceituosa, atribuído ao sujeito pertencente a essa raça. Esse é um momento da história no qual a personagem começa a entender as implicações de ser negro naquele espaço que representa o Brasil, ou um modo de ser nacional (RODRIGUES, 2020).

Assim, faz-se notar, na obra, a retratação do negro e os modos de protesto ao racismo enfrentado pela personagem. E esse preconceito racial, quando comunicado pelas vias literárias, é dotado de todo um poder de apelo próprio à linguagem literária (CALVINO, 2007). Essa perspectiva de “apelo”, de chamado à reflexão, pode ainda veicular o aspecto da literatura empenhada na obra barretiana (CANDIDO, 2000) como uma denúncia do comportamento social que, caso descrito em linguagem denotativa, não teria o mesmo efeito de impacto no leitor; pois assim assevera o próprio escritor: “a obra de arte tem por fim dizer aquilo que os simples fatos não dizem” (BARRETO, 2017, p. 173). Portanto, ao adotar no arcabouço de sua literatura o tema da discriminação do negro em contraste com a solidificação de uma identidade política e cultural, a obra barretiana se posta como comprometida com uma causa que supera as noções de construção, ou homogeneização estética, para fazer-se empenhada.

Ainda acerca desse aspecto comprometido da literatura barretiana em educar a sociedade para os grandes dramas da existência humana, mas tendo em vista a experiência comum à sociedade brasileira, o professor Oakley disserta assim:

Lima Barreto contempla a arte e a política de seu tempo como desonestas em si (bovarismo), bem como para com os demais (retórica). Só o artista ou o político verdadeiramente militante, comprometido, é capaz de preencher o vazio que ele vê a seu redor. Este discípulo brasileiro de Tolstoi e Carlyle está consciente de que seu engajamento pode acarretar sua própria marginalização inexorável, e é possível acompanhar esta trajetória na gestação e na sorte do protagonista do romance em que ele viria a depositar todas suas esperanças a partir do ano de 1905: *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*. (OAKLEY, 2011, p. 48)

Dessa forma, a marginalização do discurso literário barretiano é proveniente não apenas dos temas abordados em seus textos, ou da vida habituada aos gostos e costumes da periferia (BARBOSA, 2017). Barreto não só tem uma obra empenhada em desvelar injustiças, comunicar a grandeza da capacidade humana, ou elevar o meio cultural onde vive, mas mais: Lima Barreto tem uma vida empenhada, de modo que o combate a tudo aquilo que significara para ele o oposto de seu ideal de arte, de cultura, de sociedade, de política, torna-se alvo de seus protestos. E isso, talvez, rendeu-lhe prejuízos na consagração de seu lugar junto ao cânone da literatura brasileira. Dito de outro modo: assim como a personagem Isaías Caminha foi decisivamente impactado pelo ambiente corruptor do jornal *O Globo*, tendo inclusive se afastado de seus ideais artísticos para se tornar um homogêneo com a sociedade onde vive; Lima Barreto, por outro lado, em sua vida de intelectual é o símbolo de uma resistência heroica por meio da qual o autor consagra sua literatura ao seu real propósito de existência. Isso porque, segundo assevera o crítico: “tudo em Lima Barreto girava em torno de suas ‘humilhações’ e da vocação de escritor, em permanente conflito com o meio em que vivia” (BARBOSA, 2017, p. 178).

Dessa maneira, a simbiose entre vida e obra em Lima Barreto contribuem para uma atuação literária com vistas a alcançar o grande número daqueles que, até então, quase sempre figuram como objeto, mas muito pouco como sujeitos de suas próprias existências. Nesse sentido, para a literatura barretiana seria possível dizer algo semelhante ao que observa a professora Regina Dalcastagnè em sua discussão a respeito da literatura brasileira como um espaço em disputa: Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer

visível dentro dele (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 13). Portanto, talvez seja razoável inferir que o autor tem objetivos literários que a publicação livresca, dentro do conjunto das estéticas dominantes e pelos parâmetros do que a época considera relevante, não conseguem perceber (BARBOSA, 2017). E, nesse sentido, Lima Barreto é um “Triste Visionário” (SCHWARCZ, 2017). Sobre o primeiro romance do autor, assevera Barbosa:

Ele mesmo havia provocado a luta, escrevendo um livro de combate, ‘propositalmente mal feito’, como disse a Gonzaga Duque, para desagradar ao literato convencional e escandalizar o burguês. Com um romance ‘brutal’ (o adjetivo é do próprio Lima Barreto), queria mostrar que a sociedade estava errada, cheia de mazelas e preconceitos. (BARBOSA, 2017, p. 188)

Portanto, a produção literária de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* tem endereço. E sendo essa obra a sua criação literária primeira, aquela em que o autor se debruça mais atentamente (BARBOSA, 2017), é de se notar que a obra se condensa para relatar injustiças<sup>6</sup>.

Assim, quando o personagem Isaías finalmente é preso após discutir com aquele que lhe inquiriu na delegacia, mandado à prisão, reflete:

Fui para o xadrez convenientemente escoltado. Pelo caminho, tudo aquilo me pareceu um pesadelo. Custava-me a crer que, no intervalo de horas, eu pudesse ter os entusiasmos patrióticos do almoço e fosse detido como um reles vagabundo num xadrez degradante. Entrei aos empurrões; desnecessários aliás, porque não opus a menor resistência. As lágrimas correram-me e eu pensei comigo: A pátria! (BARRETO, 2018, p. 68)

---

6 Naturalmente que a obra literária não se esgota nesse aspecto, mas queremos dizer que o tema da injustiça se sobressai aos demais temas que atravessam a obra.



Dessa maneira, ao ser preso por uma suspeita de crime, cogitada a partir da relação feita entre o roubo de significativo monetário baixo e a cor da pele da personagem, Isaías fica convencido de que aquele ambiente transitado tinha outros valores, regras e leis até então desconhecidas por ele. A personagem que, ao sair do interior, tinha o propósito de ser doutor, ser alguém importante, dar orgulho a sua família e apagar da imaginação os medos sentidos e os dramas vividos por ser negro, agora é posta na cadeia justamente por ser quem é. Dos olhares de preconceito e de reprovação, do tratamento diferenciado do rapaz louro no café, para a segregação patrocinada pelo estado, observamos a potencialização do racismo. A prisão não mais é o preconceito velado, é o racismo legal, autorizado e incentivado pela lei em prender os “criminosos”, entre os quais Isaías se torna um por ser pobre e preto.

Naquele espaço, o Rio de Janeiro, capital do Brasil e representação de um modo de ser nacional, as capacidades intelectuais do protagonista, sua boa criação, sua honestidade e sua compaixão com os demais seres humanos não são postas como virtudes que valham algo significativo naquela sociedade; naquele convívio impera as qualidades da cor da pele, da tradição familiar, das posses e da capacidade dos indivíduos de dissimular, mentir, conseguir e prestar favores. Era essa a pátria que Isaías descobria mais um pouco naquela prisão, fazendo-o compreender ainda mais o país que ele começara a conhecer bem cedo no enredo da obra, quando foi pedir um favor ao coronel da região com seu tio Valentim, mas, talvez só agora ele começasse a sentir em si o que é, de fato, ser brasileiro pobre e preto.

Há ainda passagens do romance que mais parecem o próprio Lima Barreto a narrar as cenas que poderiam se desenrolar consigo mesmo

do que propriamente com o narrador-personagem Isaías Caminha. Tão empenhada seja a literatura barretiana que não deixa de mostrar a vida do autor como também empenhada em um propósito que ganha contornos de universalidade. Assim, aponta Isaías Caminha o propósito de narrar suas recordações:

Se me esforço por fazê-lo literário é para que ele possa ser lido, pois quero falar das minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e no seu interesse, com a linguagem acessível a ele. É este o meu propósito, o meu único propósito. Não nego que para isso tenha procurado modelos e normas. Procurei-os, confesso; e, agora mesmo, ao alcance das mãos, tenho os autores que mais amo. Estão ali O Crime e o Castigo de Dostoiévski, um volume dos contos de Voltaire, A Guerra e a Paz de Tólstoi, o Rouge et Noir de Stendhal, a Cousine Bette de Balzac, a Education Sentimentale de Flaubert, o Antéchrist de Renan, o Eça; na estante, sob as minhas vistas, tenho o Taine, o Bouglé, o Ribot e outros autores de literatura propriamente, ou não. Confesso que os leio, que os estudo, que procuro descobrir nos grandes romancistas o segredo de fazer. Mas, não é a ambição literária que me move o procurar esse dom misterioso para animar e fazer viver estas pálidas Recordações. Com elas, queria modificar a opinião dos meus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo; a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados. Tento mostrar que são legítimos e, se não merecedores de apoio, pelo menos dignos de indiferença. (BARRETO, 2018, p. 76)

Nesse sentido, a obra barretiana manifesta, a partir de uma crise quase ontológica na formação da identidade nacional, um propósito de superar as fatalidades de seu tempo. A narrativa

para tal fim se serve das personagens e dos espaços que mais exemplificam a nódoa social de seu tempo. Isaías está convencido de que as obras de Tolstói e Dostoiévki, Balzac e Flaubert, mais outros tantos ilustres literatos, filósofos e artistas que, não por acaso, são os mesmos que comportaram a biblioteca de Lima Barreto, são aqueles que elevaram a humanidade, e esse é o patamar esperado para as suas recordações.

Não obstante a isso, Lima Barreto sabe que uma obra com tantas críticas e denúncias, sendo os seus alvos através das *Recordações* postos às zombarias, iria lhe render uma recepção ruim ao romance, em que pese a soma de outros embates anteriores ao lançamento de seu primeiro livro (BARBOSA, 2017). Ainda sobre o propósito de uma literatura empenhada, temos a seguinte reflexão feita pelo protagonista do romance:

De forma que não tenho por onde aferir se as minhas Recordações preenchem o fim a que as destino; se a minha inabilidade literária está prejudicando completamente o seu pensamento. Que tortura! E não é só isso: envergonho-me por esta ou aquela passagem em que me acho, em que me dispo em frente de desconhecidos, como uma mulher pública [...] Sofro assim de tantos modos, por causa desta obra, que julgo que esse mal-estar, com que às vezes acordo, vem dela, unicamente dela. Quero abandoná-la; mas não posso absolutamente. De manhã, ao almoço, na coletoria, na botica, jantando, banhando-me, só penso nela. À noite, quando todos em casa se vão recolhendo, insensivelmente aproximo-me da mesa e escrevo furiosamente. Estou no sexto capítulo e ainda não me preocupei em fazê-la pública, anunciar e arranjar um bom recebimento dos detentores da opinião nacional. Que ela tenha a sorte que merecer, mas que possa também, amanhã

ou daqui a séculos, despertar um escritor mais hábil que a refaça e que diga o que não pude nem soube dizer. (BARRETO, 2018, p. 76-77)

Nesse sentido, Isaías Caminha e Lima Barreto, criação e criatura, estão convencidos de que a arte literária comporta grandezas e glórias (BARRETO, 2017) que não podem ser enterradas com o tempo e, nesse sentido, se justifica a forma de uma arte empenhada que almeja um fim superior e, portanto, que ultrapassa a sua localização geográfica e o espaço temporal das gerações. É uma arte literária com princípios teleológicos bem definidos.

Esse “propósito” de que fala Isaías é a felicidade universal, pois para o autor esse é o objetivo último de sua arte (OAKLEY, 2011), e nisso, talvez mais do que em outros aspectos da obra, apresente-se o “empenho” da literatura barretiana. Portanto, a figura que personifica o negro na obra não encerra a manifestação do aspecto empenhado da literatura barretiana, mas dirige sua compreensão para o conjunto dos elementos da narrativa literária que, na obra, apontam para a finalidade última da literatura segundo a concepção de arte literária do autor.

O professor Antonio Candido contribui ainda nessa discussão quando oferece a seguinte reflexão crítica sobre o tema da teoria da arte literária para o autor das *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*:

Essas ‘questões particulares’ expostas com ‘espírito geral’ exprimem o ritmo profundo da escrita de Lima Barreto, a sua passagem constante da particularidade individual para a generalidade da elaboração romanesca (e vice-versa), que importa numa espécie de concepção do homem e do mundo, a partir de um modo singular de ver e sentir. Daí o interesse de tudo aquilo que, na sua obra, pode ser chamado literatura íntima: diários, correspondência, até os desabaços freqüentes dos escritos de circunstância. (CANDIDO, 2011, p. 49)

Portanto, o combate de Lima Barreto na insistência em apresentar uma literatura empenhada não se limita aos lugares comuns daquilo que se convencionou chamar de “literatura engajada”, e quando o autor faz uso do típico personagem negro e pobre não o faz para, só por isso, protestar. Os sentidos reclamados para as personagens do romance convidam para uma literatura empenhada em elevar a compreensão dos dramas humanos até a perspectiva da universalidade a partir da individualidade, e o contrário.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento deste artigo, realizamos uma leitura crítica da literatura de Lima Barreto, destacando como a sua obra dramatiza um *ethos* nacional, representado a partir dos dramas humanos, sobretudo daqueles que afligem sujeitos socialmente desfavorecidos por uma condição racial e econômica.

Nesse entendimento, foi possível investigar a obra barretiana como uma literatura empenhada em representar uma relação entre Nação e narração sob uma perspectiva do *modus operandi* do arquétipo de brasileiro. Sendo esse sujeito um típico (tipo), e que, portanto, personifica qualidades e defeitos, grandezas e baixezas etc., da sociedade brasileira que forma e é formada por todos esses seres, e que é palco das relações humanas.

Desse modo, pudemos desenvolver uma leitura crítica da obra desde a compreensão de Candido (2000) acerca da relação entre literatura empenhada e as noções de teoria da arte para Lima Barreto. Assim, mostramos que o aspecto “empenhado” da literatura barretiana não comporta exatamente aquilo que contemporaneamente se consagrou como literatura “engajada”,

entendendo aqui essa concepção de literatura como ligada mais ao aspecto de uso da literatura para fins políticos, ou para indicar uma ideologia política como a justa, em separação de outras. Dessa maneira, pudemos compreender que o “empenho” da literatura barretiana é em função de construir uma solidariedade humana (OAKLEY, 2011), e esse aspecto de “construção” não se deve apenas a ação política direta. Pode-se entender, portanto, que a literatura, com princípios teleológicos honestamente bem definidos, para o autor, consegue construir pontes entre os seres humanos e lhes proporcionar a felicidade e a paz.

Nesse sentido, a denúncia barretiana ao racismo enfrentado pela personagem Isaías Caminha é símbolo de uma literatura que absorve os imperativos de seu tempo para superá-los e que convoca a sociedade à plenitude de suas potências. Naturalmente que esse amadurecimento da sociedade é também de ordem social, mas mais do que isso, para o autor, o objetivo desejado por sua literatura empenhada significa ainda a reconstituição de um axioma que definiu a base da identidade nacional vigente.

Portanto, a literatura barretiana supera as noções de mera representação realista da sociedade carioca enquanto estética literária. Sua obra propõe uma reflexão profunda sobre os elementos que compõe a identidade nacional. Ao denunciar os fingimentos, as adulações, as concessões e o mais, de modo tão feroz, a obra barretiana pode se voltar para cada um de seus leitores e lhes perguntar acerca do sentido da existência humana, quais os seus valores, crenças, medos etc. Nessa perspectiva de leitura, compreender essa identidade nacional que perpassa, forma e deforma os sujeitos, e refletir criticamente o que é ser brasileiro

significa, também, conhecer a si, e ao outro, além de entender que aquele que é diferente é, em alguma medida, igual a mim.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A Vida De Lima Barreto: 1881-1922*. 11.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BARRETO, Lima. *Impressões de Leitura e outros textos críticos*. São Paulo: Peguin Classics Companhia das Letras, 2017.
- BARRETO, Lima. *Lima Barreto: obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BERND, Zilé. *Literatura e Identidade Nacional: Síntese Universitária*. 3.ed. Rio de Janeiro: UFRGS, 2011.
- CALVINO, Ítalo. *Por Que Ler Os Clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 2000.
- CANDIDO, Antonio. Os olhos, a barca e o espelho. In: CANDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.
- CUNHA, Martim Vasques da. *A Poeira Da Glória: uma (inesperada) história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea: Um território contestado*. Vinhado: Editora Horizonte, 2012.
- FIGUEIREDO, Cármen Lúcia Negreiro de. *Lima Barreto, Caminhos de Criação. Recordações do Escrivão Isaias Caminha*. São Paulo: Edusp, 2017.
- MOISES, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- OAKLEY, Robert John. *Lima Barreto e o Destino da Literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- RODRIGUES, Davidson de Oliveira. *Cidade e Modernidade na Literatura de Machado de Assis e Lima Barreto*. Curitiba: Appris, p. 23, 2020.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.